

Eleanor Marx



Por **LUIZ BERNARDO PERICÁS***

A questão feminina e a luta de classes.

Pioneira do feminismo socialista, Eleanor Marx, segundo sua biógrafa Rachel Holmes, “mudou o mundo”. Nascida em 1855, em um pequeno e apertado apartamento de dois quartos no Soho, Londres, Tussy (como ficou conhecida), a filha favorita do autor de *O capital*, desempenhou um papel político de suma importância ao longo de seus 43 anos. A vida dessa escritora revolucionária foi, nas palavras de Holmes, nada menos que “um dos mais significativos e interessantes eventos na evolução da social-democracia na Grã-Bretanha vitoriana”. Afinal, entre suas múltiplas atividades, traduziu *Madame Bovary*, de Flaubert e trabalhos de Plekhanov, Liebknecht e Lissagaray (com quem teve um caso amoroso); foi uma das primeiras e mais enérgicas militantes sindicalistas da época; uma das introdutoras do ibsenismo na ilha (verteu para o inglês algumas peças do dramaturgo norueguês); lutou pela igualdade de gênero; começou a escrever a primeira biografia de seu pai (nunca completada); foi amiga de George Bernard Shaw, Sylvia Pankhurst e William Morris; deplorava o anarquismo; e foi uma divulgadora incansável da obra de Marx e Engels, tendo editado *Revolução e contrarrevolução na Alemanha* (1896), *The Eastern Question: A Reprint of Letters written 1853-56 dealing with the events of the Crimean War* (1897), *Value, Price and Profit, addressed to Working Men* (1898), *Secret Diplomatic History of the Eighteenth Century* (1899) e *The Story of the Life of Lord Palmerston* (1899), os dois últimos volumes, lançados no ano seguinte ao suicídio dela.

Seu “feminismo” era bastante distinto daquele defendido pelo pensamento *mainstream* da segunda metade do século XIX. Ainda que muitas de suas amigas fossem sufragistas, a campanha pelo voto, na visão de Eleanor, mesmo que importante, seria um objetivo limitado. A reforma eleitoral para as senhoras de classe média dentro da sociedade capitalista não dava conta de resolver o debate social mais amplo, já que, segundo ela, “a dita questão do ‘direito das mulheres’... é uma ideia burguesa. Eu propus lidar com a Questão Sexual do ponto de vista da classe trabalhadora e do conflito de classe”. Ou seja, *os direitos das mulheres e do proletariado eram parte da mesma luta*.

Holmes afirma que Tussy teria sido a responsável por criar a filosofia política do “feminismo socialista”, explicitado em seu tratado “A questão da mulher: de um ponto de vista socialista”, escrito em coautoria com seu parceiro Edward Aveling e publicado no *Westminster Review* em 1886 (um texto que deveria figurar em importância ao lado de *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Mary Wollstonecraft, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Friedrich Engels e de *Um teto para todos*, de Virginia Woolf). Nesse sentido, foi a caçula da família Marx, junto com Clara Zetkin, quem teria levado o feminismo ao topo da agenda política no primeiro congresso da Segunda Internacional.

A biógrafa narra com detalhes os anos de formação de Eleanor e a dinâmica estimulante de seu ambiente familiar: os muitos e variados livros que lia; suas discussões e jogos de xadrez com o Mouro (de quem quase sempre ganhava as

partidas); sua relação íntima com Engels (considerado como um segundo pai por ela); o interesse pela Guerra Civil americana, Abraham Lincoln e Garibaldi; sua admiração e conhecimento profundo da obra de Shakespeare; os cigarros e bebidas alcoólicas que apreciava desde o começo da adolescência; seu apoio entusiástico aos fenianos irlandeses; sua paixão pelo teatro; o início de suas atividades políticas. Era uma das poucas pessoas que conseguiam entender a difícil letra de Marx e transcrever seus textos. Na verdade, ela se tornou uma espécie de “secretária” e assistente de pesquisa de seu progenitor (realizando levantamento de fontes especialmente no *British Museum*).

A última década da autora de *Campaign Against Child Labor* foi intensa. Continuou a contribuir para órgãos de imprensa como *Time: A Monthly Miscellany*, *Justicee Neue Zeit*, a traduzir artigos diversos e a editar os trabalhos do filósofo renano, além de manter suas múltiplas atividades como militante política. Convidada por Plekhanov e Zasulich, se tornou correspondente britânica do periódico russo *Russkoye Bogatstvo*. Eleanor Marx se matou em 1898, abalando boa parte do movimento operário e dos socialistas britânicos de então, surpreendidos com a trágica notícia. Sua vida e seu legado, contudo, continuam a ser lembrados até hoje, em parte pelo fascinante livro de Rachel Holmes, *Eleanor Marx: A Life* (Bloomsbury Press), obra que certamente deveria ser traduzida e publicada por aqui em algum momento.

***Luiz Bernardo Pericás** é professor no Departamento de História da USP. Autor, entre outros livros, de Caio Prado Júnior: uma biografia política (*Boitempo*).